

## Práticas pedagógicas e redes educativas com educações ambientais e os usos do cinema, fotografias, sons e vídeos nos cotidianos escolares

Pedagogical practices and educational networks with environmental education and the uses of cinema, photographs, sounds and videos in everyday school life

Prácticas pedagógicas y redes educativas con educaciones ambientales y los *usos* del cine, las fotografías, los sonidos y los videos en los cotidianos escolares

**Soler Gonzalez** - Universidade Federal do Espírito Santo | Centro Pedagógico | Vitória | ES | Brasil. E-mail: solergonzalez2011@gmail.com | 

**Edilene Machado dos Santos** – Prefeitura Municipal de Vila Velha | Secretaria Municipal de Educação | Vitória | ES | Brasil. E-mail: edilene.ufes@gmail.com | 

**Resumo:** Este texto apresenta experiências e trajetórias de dois projetos, um comunitário e outro acadêmico, vivenciadas com práticas pedagógicas de Educação Ambiental realizadas envolvendo os *usos* do cinema, vídeos, sons, imagens e narrativas, apresentadas em dois episódios. Participaram das ações de educação ambiental realizadas pelo projeto Narradores da Maré e pelo Coletivo Formate nos cotidianos escolares, e em diferentes redes educativas, professores, professoras e estudantes da Educação Básica, grupos sociais e pescadores. Ambos os projetos apostam em práticas pedagógicas, formativas e comunitárias de educação ambiental, assim como nas dimensões éticas, estéticas e políticas das imagens, cinema, sons e vídeos. Tais práticas inspiram-se nas perspectivas freireanas de educação visando suscitar processos dialógicos de ensino, pesquisa e extensão, baseados nas nossas relações cotidianas com as problemáticas ecológicas locais, neste caso a bacia do rio Formate e os manguezais da Baía de Vitória.

**Palavras-chave:** educação ambiental; práticas pedagógicas; redes educativas.

**Abstract:** This text presents the experiences and trajectories of two projects, one of them a community project and the other one academic, lived with pedagogical practices of Environmental Education using cinema, videos, sounds, images and narratives, presented in two episodes. Teachers and students of Basic Education, social groups and fishermen participated in the environmental education actions carried out by the Narradores da Maré project and by Coletivo Formate in everyday school life, and in different educational networks. Both projects believe in pedagogical, training and community practices in environmental education, as well as on the ethical, aesthetic and political dimensions of images, cinema, sounds and videos. Such practices are inspired by Freire's perspectives on education, aiming to raise dialogic processes of teaching, research and extension, based on our daily relationships with local ecological issues, in this case the Formate river basin and the mangroves in the Bay of Vitória.

**Keywords:** environmental education; pedagogical practices; educational networks.

Resumen: Este texto presenta experiencias y trayectorias de dos proyectos, uno comunitario y otro académico, vivenciadas con prácticas pedagógicas de Educación Ambiental realizadas con los usos del cine, videos, sonidos, imágenes y narraciones, presentadas en dos episodios. Participaron de las acciones de educación ambiental realizadas por el proyecto Narradores de la Maré y por el Colectivo Formate en los cotidianos escolares, y en diferentes redes educativas, profesores, profesoras y estudiantes de la Educación Básica, grupos sociales y pescadores. Ambos proyectos apuestan en prácticas pedagógicas, formativas comunitarias de educación ambiental, así como en las dimensiones éticas, estéticas y políticas de las imágenes, el cine, los sonidos y los videos. Tales prácticas se inspiran en las perspectivas freireanas de educación buscando suscitar procesos dialógicos de enseñanza, investigación y extensión, basados en nuestras relaciones cotidianas con las problemáticas ecológicas locales, en este caso la cuenca del río Formate y los manglares de la bahía de Vitória.

Palabras clave: educación ambiental; prácticas pedagógicas; redes educativas.

- Recebido em: 18 de novembro de 2021
- Aprovado em: 11 de janeiro de 2022
- Revisado em: 14 de maio de 2022

## 1 Introdução

Desejamos, com este artigo, narrar episódios de nossas *trajetórias com a Educação Ambiental* (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003) vivenciadas com os *usos* de cinema, fotografias, sons e vídeos, por meio de práticas pedagógicas planejadas de modo coletivo, participativo e em diálogo com diferentes saberes, memórias, afetos, conflitos e com diferentes *redes educativas* (ALVES, 2019), as quais nos formam e transformam. Trata-se de experiências que marcaram nossas trajetórias com a educação ambiental, como professor da Universidade Federal do Espírito Santo, líder do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas e coordenador do projeto de ensino, pesquisa e extensão Narradores da Maré, e como professora da Educação Básica, mestra em Educação pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE), membro do grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas e militante do Coletivo Formate.

Narradores da Maré é um projeto registrado na Pró-Reitoria de extensão e no grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas, vinculado ao Centro de Educação da Ufes. Já o Coletivo Formate é composto por jovens, estudantes, profissionais, professores e professoras ambientalistas. Ambos os projetos realizam práticas pedagógicas envolvendo cinema, vídeos, sons e fotografias nos cotidianos escolares situados em comunidades ribeirinhas ao longo do Rio Formate, nos municípios de Viana e Cariacica, e em comunidades tradicionais que vivem e sobrevivem dos manguezais da Baía de Vitória.

Optamos por abordar práticas pedagógicas e ações de educação ambiental que foram realizadas pelos dois projetos nos cotidianos escolares, com a participação de professores, professoras e estudantes da Educação Básica, grupos sociais, pescadores, em diferentes espaços educativos. Abordaremos também, na forma de dois episódios, nossas apostas nas dimensões ética, estética e política das fotografias, imagens, cinema e vídeos, que possibilitaram a criação de espaços de aprendizagens e redes de conversação sobre nossas relações cotidianas com as problemáticas ecológicas locais, neste caso a bacia do rio Formate e os manguezais da Baía de Vitória.

Os dois episódios explicitam como as aproximações da educação e da educação ambiental com imagens, cinema, vídeos, exposição fotográfica e sessões de cineclubes contribuem para denunciar e anunciar soluções para problemáticas ecológicas locais.

Desde 2012, esses projetos planejam, dialogam e realizam práticas pedagógicas de educação ambiental nos cotidianos escolares *com* os sujeitos envolvidos nas ações, mediante a realização de oficina de cinema de animação, oficina de mapa para cartografar as geografias, territorialidades afetivas e educações ambientais cotidianas, exposição fotográfica em museu e escolas, e rodas de conversa e sessões cineclubistas itinerantes em escolas e em espaços comunitários.

As trajetórias e experiências dos projetos com educação ambiental guardam proximidade com a metodologia das *cineconversas*<sup>1</sup> presentes nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, nas quais é possível tecer conversas com o cinema, as imagens, sons, trazendo as problemáticas ambientais locais e as redes de conversação com os sujeitos, reconhecidos aqui como *sujeitos da história* (FREIRE, 1996a), que não apenas constata o mundo, mas nele intervêm.

As '*cineconversas*' pensadas como metodologia potencializam a criação de redes de conversação entre os sujeitos envolvidos, e, segundo Machado *et al.* (2021, p. 183),

[...] as *conversas* acerca dos filmes, especialmente quando são realizadas em diversidade de pensamento e estruturas sociais, contribuem para refletirmos, desconstruirmos e/ou criticarmos algumas falas ou pensamentos enraizados socialmente que deveríamos rever, ainda possibilita aguçar os pensamentos e reflexões dos/das estudantes, das formas que as coisas são transmitidas e as mensagens existentes, caso existam finalidades específicas e interesses do filme e da mídia.

Conforme afirmam também Mendonça *et al.* (2020 p. 1634),

As "cineconversas" nos fazem acessar as memórias pelos sentidos da visão, da audição, do olfato, do paladar, do tato, e a compreender situações da vida nos cotidianos. Elas criam conexões com experiências que revelam as vivências de cada participante, já que um filme não representa a realidade, mas cria realidades que nos permitem conversar e fabular. Nosso objetivo não é interpretar um filme ou tentar entender o que o roteirista e/ou o diretor quiseram dizer. Filmes são potentes artefatos culturais que nos conectam com experiências, memórias e projeções, ajudando-nos a pensar os cotidianos e as pesquisas neles inspiradas.

Revisitamos registros, fotografias, publicações e conversamos sobre os percursos dos projetos e suas inserções sociais, pedagógicas, políticas e os movimentos teórico-metodológicos ao longo dessas trajetórias com a educação ambiental. Nas primeiras conversas sobre como seria este texto, surgiu a ideia de que, nas nossas conversas, exercitássemos o movimento de *dialogar com a própria história* e de *aprender com a própria história* (FREIRE; GUIMARÃES, 2011a, 2011b) de ambos os projetos.

---

<sup>1</sup> Esse e outros termos presentes neste artigo são grafados desta forma com o intuito de dissolvermos os limites impostos pela dicotomia presente nas ciências da Modernidade.

Surgiram, então, memórias de experiências vividas com as práticas de ensino, pesquisa, extensão e de militância com a educação ambiental, que marcaram os itinerários dos dois projetos. Os episódios registram lugares, tempos, saberes, pessoas e territórios de aprendizagens e de formação que coadunam o compromisso ético e pedagógico de que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar a possibilidade para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996a, p. 22), respeitando, assim, os saberes dos educandos e de grupos sociais oprimidos e excluídos que convivem cotidianamente com as problemáticas ecológicas que assolam a bacia do rio Formate e os manguezais da Baía de Vitória.

Nesse sentido, segundo Paulo Freire (1996a, p. 88), não se pode “[...] de maneira alguma, nas [...] relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito”. Diante disso, exercitamos a dimensão política da educação ambiental, trazendo as problemáticas ambientais das comunidades, rios e manguezais, com os diálogos que estabelecemos entre a educação ambiental e o cinema nos cotidianos escolares e com os *usos* das fotografias, vídeos, cinema, sons e narrativas.

Os episódios referentes às práticas pedagógicas realizadas traduzem também nosso posicionamento estético de educação e de educação ambiental, no sentido de que as expressões artísticas e culturais nos processos educativos e formativos são, em ambos os projetos, possibilidades e potencialidades de vivenciarmos a dimensão dialógica na educação, e a curiosidade capaz de alimentar o gosto pela rebeldia nos educandos e docentes, bem como a alegria em todo o processo de busca e de aprendizagem, de modo que “[...] ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (FREIRE, 1996a, p. 142).

De um ponto de vista freireano, pensamos a educação e a educação ambiental como um ato político que possibilita “[...] a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum.” (REIGOTA, 2012, p. 13).

Desse modo, as práticas pedagógicas de ambos os projetos apostam na radicalidade ética e ontológica do *diálogo amoroso* (FREIRE, 1996b), nas perspectivas teóricas e metodológicas dos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares (ALVES, 2010; ALVES; CALDAS; ANDRADE, 2019), e nas perspectivas ecologistas de educação (REIGOTA, 1999; GONZALEZ, RAMOS, 2019).

A seguir, apresentaremos o episódio do projeto de ensino, pesquisa e extensão Narradores da Maré com os cotidianos escolares, comunidades tradicionais, as práticas do bairro e os

---

manguezais da Baía de Vitória. Em seguida, o episódio do Coletivo Formate, envolvendo sessões de cineclubes nos cotidianos escolares e em espaços comunitários, seguido de narrativas dos sujeitos envolvidos nas sessões, reconhecidos como sujeitos da história (FREIRE, 1996a), que não apenas constata o mundo, mas nele intervêm em proveito da preservação do rio Formate.

## 2 Episódio 1 - Narradores da maré, o curta metragem *O dia da torta capixaba* e educações ambientais autopoiéticas nos cotidianos escolares

**Figura 1** - Baía Noroeste de Vitória e ao fundo o Monte Moxuara no município de Cariacica, 2012.



**Fonte:** Foto do acervo do autor Soler Gonzalez.

O nome *Narradores da Maré* teve como inspiração o filme *Narradores de Javé*, no qual o personagem Antônio Biá é o escolhido pela comunidade de Javé para escrever a história do povoado. Contudo, não poderia ser uma história qualquer, teria que ser uma “história científica”, capaz de livrar o lugarejo e todo o Vale de Javé da inundação causada pela construção de uma grande represa.

Assim como no Vale de Javé, no bairro Ilha das Caieiras, margeado pelo canal do rio Santa Maria da Vitória e pelos manguezais da Baía de Vitória, encontramos os narradores e as narradoras das marés, que vivem e sobrevivem das práticas do bairro (CERTEAU, 2008), denominadas aqui o morar, o pescar e o cozinhar.

Com as narrativas e práticas pedagógicas de ensino, pesquisa e extensão do projeto nos deparamos com as temporalidades e territorialidades das práticas do bairro desses grupos sociais, possibilitando movimentos de uma formação a partir das intensidades das relações, encontros, emoções e negociações, na aceitação do outro como legítimo outro na convivência, colocando *entre parênteses* as concepções *bancárias* (FREIRE, 1996b) de educação, que a consideram como um mero processo de transmissão de conhecimentos, assim como as noções de instrumentalização do ensino e de formação de professores e professoras. Em contraposição a isso, apostamos nas relações solidárias, éticas e cooperativas com inspirações nos pensamentos de Humberto Maturana e de Paulo Freire. (GONZALEZ; RAMOS, 2017, p. 3).

**Figura 2** - Pesca de sururu nos manguezais da Baía de Vitória e ao fundo o bairro Ilha das Caieiras, 2012.



**Fonte:** Foto do acervo do autor Soler Gonzalez.

Denominamos práticas do bairro os *saberesfazeres* presentes nas relações cotidianas que unem e/ou organizam os espaços privados e públicos da vida do bairro, como um tecido social inventado, reunindo condições e possibilidades da vida cotidiana no bairro. Segundo Certeau, Giard e Mayol (2009, p. 42), a noção de bairro pode ser considerada como “[...] dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido”.

Nas conversas com os sujeitos *praticantespensantes* das margens dos mundos da lama dos manguezais, pudemos vivenciar narrativas, memórias, devoções e resistências permeadas pelo *diálogo amoroso* (FREIRE, 1996a) e por outras educações ambientais denominadas, aqui, *educações ambientais autopoieticas* (GONZALEZ, 2013; GONZALEZ; RAMOS, 2014), que

acontecem nas práticas do bairro, mediante o conversar, as redes de conversação, no viver cotidiano.

Entendemos a Educação Ambiental Autopoiética como movimentos rizomáticos em que os seres vivos constituem os mundos e são constituídos por eles, numa autoprodução, com as *redes de conversações* tecidas nas relações cotidianas, entre conflitos, tensões e negociações. (GONZALEZ, 2013, p. 55).

Dentre as experiências e práticas pedagógicas que gostaríamos de compartilhar aqui, escolhemos a *Oficina de cinema de animação*, realizada nos cotidianos escolares do bairro Ilha das Caieiras, ocorrida em agosto de 2012, voltada para a produção de um curta-metragem de animação com duração de 8 minutos, cujo foco recaiu nas práticas do bairro: o morar, o pescar e o cozinhar na Ilha das Caieiras. O curta-metragem produzido foi intitulado pelos *estudantesroteiristas* como *O dia da torta capixaba* (NARRADORES DA MARÉ, 2017); e durante uma semana, das 13h30 às 17h, 35 estudantes dos 7º e 8º anos de duas escolas municipais de Vitória puderam conhecer e praticar técnicas de cinema e de cinema de animação.

A oficina de cinema de animação começou com a apresentação de fotografias no tamanho de 60cm x 50cm, coloridas e P&B, extraídas do diário de campo que utilizávamos para registrar os processos que acompanhávamos durante a elaboração da tese *Educação ambiental autopoiética com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas* (GONZALEZ, 2013). Eram fotografias de cenas cotidianas, das práticas do bairro e das problemáticas e conflitos ambientais locais.

Tanto as fotografias quanto os registros do diário de campo, alguns deles escritos na forma de cenas cotidianas, deram origem à exposição educativa *Narradores da Maré*, inaugurada em agosto de 2013, nas dependências do Museu Histórico da Ilha das Caieiras “Manoel dos Passos Lyrio”, conhecido localmente como Museu do Pescador, recebendo a visitação de turistas e estudantes das escolas municipais da região.

Com a oficina de cinema de animação e os *diálogos amorosos*, os *estudantesroteiristas* puderam elaborar roteiro, criar personagens, cenários, objetos, escolher trilha sonora e a iluminação adequada para cada cena criada na produção do curta-metragem. Para a oficina acontecer, organizamos o espaço da sala de aula de maneira que os grupos de trabalho pudessem circular pelos artefatos apresentados e iniciar a produção do curta-metragem.

Os artefatos utilizados nas técnicas de cinema e de cinema de animação foram: *stop-motion*, que pode ser feito a partir de várias fotografias quadro a quadro, utilizando pessoas,

paisagens, esculturas, objetos, massas de modelar, entre outros recursos e materiais; *flip-book*, que consiste numa coleção de imagens sequenciadas no formato de um livreto que, ao ser folheado, dá movimento às imagens, criando uma sequência animada sem a ajuda de uma máquina; *técnica de recortes*, usadas para criar cenários, objetos e personagens; *modelagem em massinha*, também utilizada para fazer objetos e personagens; *zootrópio*, uma espécie de aparelho cilíndrico giratório, dotado de furos para a visualização de imagens que são animadas ao girar o cilindro, dando a quem observa a ilusão de uma única imagem em movimento; e as *oficinas de fotografia, desenho e roteiro*, também fundamentais para elaboração do curta-metragem.

Na sala utilizada para a disciplina de Artes, foram instalados os equipamentos de iluminação e os materiais utilizados na criação dos cenários e personagens. Com a oficina de cinema de animação, uma *antidisciplina* se instaura de modo rizomático, e o cinema de animação possibilita aos estudantes conversarem sobre as problemáticas ecológicas locais, memórias e relações afetivas com o bairro, o morar, o pescar, o cozinhar e o narrar, uma vez que *O dia da torta capixaba* tem em seu roteiro um personagem, no caso um estudante, que narra a história da família de um pescador que vai ao manguezal buscar ingredientes para o preparo da torta capixaba, culturalmente apreciada na Semana Santa, principalmente na Sexta-feira da Paixão.

O lançamento de *O dia da torta capixaba* aconteceu em março de 2015, no Cineclube Metrópolis, situado no câmpus de Goiabeiras da Ufes, e contou com a presença dos *estudantesroteiristas*, familiares, professores e professoras, diretores e equipe pedagógica e a comunidade universitária em geral. Após a exibição, o público foi surpreendido com a apresentação do *making of* das atividades realizadas no decorrer da oficina. *O dia da torta capixaba* ficou uma temporada em exibição gratuita no Cinemetrópolis da Ufes.

Com as experiências vivenciadas na oficina de cinema de animação e na exposição fotográfica sobre a vida cotidiana e as práticas do bairro, os manguezais e os cotidianos escolares, desejamos acompanhar de modo ético, estético, político, pedagógico e metodológico os movimentos de educações ambientais autopoieticas, rizomáticas, que não se capitalizam, e que escapam das pedagogias de diminuição do outro e das dimensões “bancárias” de educação, considerando a educação como prática de liberdade.

Após as oficinas de cinema de animação nos cotidianos escolares, pudemos ampliar nossos enlaces com outras escolas de educação infantil e ensino fundamental, abrindo espaços e encontros com professores, professoras e equipes pedagógicas, para pensarmos a Educação

Ambiental na formação continuada de educadores numa abordagem autopoietica, ou seja, em processos de *autofazimento* dos sujeitos com as suas redes de conversação.

A oficina de cinema de animação e a exposição fotográfica são práticas pedagógicas que intensificaram a participação e o fortalecimento dos espaços de convivência e de aprendizagem comunitária, assim como o reconhecimento dos saberes dos educandos, aproximando cotidianos escolares, práticas do bairro e os manguezais da Baía de Vitória.

### **3 Episódio 2: Cineclube, cotidianos escolares e ideias para enfrentar as problemáticas ecológicas do rio Formate**

**Figura 3** - Cineclube realizado em uma das escolas da região da bacia do Rio Formate, 2019.



**Fonte:** Foto do acervo da autora Edilene Machado dos Santos.

**Figura 4** - Cineclube realizado em uma das escolas da região da bacia do Rio Formate, 2019.



**Fonte:** Foto do acervo da autora Edilene Machado dos Santos.

O Coletivo Formate é um grupo formado por militantes ecológicos que realizam ações, oficinas, projetos e formações comunitárias com crianças, adolescentes e adultos da área urbana e rural do município de Viana. Atua também em conselhos municipais e em parcerias com organizações não governamentais, dentre elas a fundação SOS Mata Atlântica, participando de ações de reflorestamento e monitoramento da qualidade das águas do rio Formate e do rio de Biriricas.

No Coletivo Formate, realizamos oficinas com reaproveitamento de materiais reciclados rodas de leitura e sessões cineclubistas com estudantes e moradores de comunidades ribeirinhas de Viana, situadas ao longo do curso do Rio Formate e afluentes. Os vídeos e documentário exibidos abordam as potencialidades da agroecologia, os problemas ecológicos e de saúde humana decorrentes de alimentos com agrotóxicos e de produtos transgênicos.

Incentivamos e realizamos também práticas de intervenção comunitária voltadas para a construção de moradias alternativas, o uso de plantas medicinais, a preservação e despoluição dos recursos hídricos e a valorização de outros movimentos sociais, por exemplo, aqueles que representam os direitos da população negra, indígena e dos trabalhadores rurais sem-terra, buscando mudanças que colaborem com a realização de intervenções individuais e coletivas.

Participar do Coletivo Formate é vivenciar histórias de re-existências, é aprender que as nossas memórias e histórias de pertencimento coletivo são processos de cura das marcas e dores provocadas pelo colonialismo e pelo pensamento hegemônico opressor que habita em nós. O Coletivo Formate é, para nós, o nosso quilombo de afetos, em que semeamos esperança para seguirmos a nossa jornada da vida.

Entendemos que é *Tempo de nos aquilombar*, como menciona o título do poema da escritora Conceição Evaristo (2021), que nos convida a formarmos outros quilombos, independentemente dos lugares e espaços onde estejamos, pois nossas organizações sociais fazem ecoar nossas resistências. Como veremos nos fragmentos de narrativas de mulheres que participam do Coletivo Formate, as sessões de cineclube configuram-se como espaços de aquilombamento, resistência, afetos e de intervenção comunitária.

*A minha história com a militância começou através das ações cineclubistas, mais precisamente no Cine Colorado, que surgiu com o objetivo de realizar exposições de filmes em Cariacica. Foi a partir do cineclubismo que retomei o contato com a participação e debates de temas relacionados ao contexto social e ambiental. Participei também dos encontros locais e nacional de formação cineclubista, movimento de organização dos cineclubes capixabas e da criação da filмотeca capixaba. Ambos os projetos decorrentes de editais de cultura. Com o Cine Colorado desenvolvemos a mostra Curta Colorado, evento de exibição de produções capixabas, assim como oficinas de produção audiovisual e cineclubista. (Juliana Gama)*

*Em 2009, iniciei de fato minha caminhada como militante na área ambiental, pelo Coletivo Formate. Em 2014, eu havia sido aprovada no IFES (Instituto Federal do Espírito Santo), para cursar o Técnico de Meio Ambiente em Ibatiba. Após dois anos, retornei, e comecei a participar ativamente das ações do nosso grupo, passei a acompanhar o Cine Santa Clara e o Cine Terra Mãe. (Dany Lira)*

*Em 2012, recebi o convite para participar de uma oficina de vídeo organizada pelo Coletivo Formate. A aproximação com esse grupo me possibilitou adquirir outra visão de mundo, dessa forma pude compreender melhor a realidade social e ambiental que vivemos e a atuar visando o bem-estar comum a todos. Isso inclusive influenciou a escolha da minha formação acadêmica em Jornalismo. (Linda de Abreu)*

Participar de movimentos sociais, como o Coletivo Formate, é a maneira que encontramos de ampliar nossos horizontes existenciais, resistindo à ideia de pertencermos a uma humanidade homogeneizada, que tenta padronizar nossas experiências coletivas. Tem sido também uma experiência que fomenta em nós a alegria de circular pelo mundo, alegria de atrair uns aos outros, tanto pelas nossas diferenças quanto pelo desejo que temos de vivenciar outras ecologias e educações ambientais, com o intuito de suspendermos o céu e, assim, adiarmos o fim do mundo, como nos ensina Ailton Krenak:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (2019, p. 26-27).

A história do Coletivo Formate se confunde com os movimentos cineclubistas locais e com produções audiovisuais contra-hegemônicas, reconhecidas pelo coletivo como dimensões políticas e pedagógicas que contribuem para repensarmos nossas relações cotidianas, nossa condição de sujeitos da história (FREIRE, 1996a) e nossas leituras de mundo (FREIRE, 2011). Tais experiências são um convite para vivenciarmos outras práticas educativas e processos formativos, já que os filmes e documentários são disparadores de conversas que potencializam brechas e saídas, ao apresentarem outros modos de viver, trazendo à tona realidades suprimidas e escondidas pelas produções cinematográficas hegemônicas.

Ao recorreremos às narrativas, sons, imagens, memórias e histórias nos processos pedagógicos, formativos e comunitários, o fazemos como forma de subverter a representação do pensamento e as relações opressoras. Com as dimensões estéticas, políticas e pedagógicas potencializadas pelo encontro do cinema com a educação e com educação ambiental, desejamos potencializar práticas pedagógicas que forjem outras aprendizagens e que atravessem nossas subjetividades e nosso posicionamento político, no sentido de nos reinventarmos e produzirmos outros mundos dentro dos espaços ditos hegemônicos.

Quando pensamos em educar para se viver em outra sociedade, temos que nos libertar das relações opressoras, apostar em práticas pedagógicas anticoloniais, contra-hegemônicas e que reconheçam o ser humano “[...] enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento” (FREIRE, 1996b, p. 50), a fim de que possamos aprender com o outro a dimensão do encontro do ser e do existir.

As práticas pedagógicas que realizamos nos cotidianos escolares se aproximaram da metodologia das *'cineconversas'* e envolveram professores, professoras e estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos, de escolas públicas localizadas nos municípios de Viana e Cariacica, apostando assim no diálogo com os sujeitos que vêm das margens (REIGOTA, 2010).

Dentre os encontros e ‘*cineconversas*’ com o cinema e a educação ambiental, destacamos inicialmente as conversas com o documentário *A História das Coisas* (The Story of Stuff), o qual provocou discussões a respeito da humanidade, sua relação com o planeta Terra e o risco à nossa existência decorrente do modo de vida ocidental e capitalista, pautado nas relações de consumo e na “utilidade” da vida. Modo de vida este que deseja a todo o custo, mesmo em tempos de pandemia, “devorar” o planeta, consumindo as pessoas, vidas, sonhos, desejos, subjetividades e o ambiente em que vivemos, tornando tudo mercadoria.

Com o documentário *Ilha das Flores*, produzido em 1989, as imagens, lugares e sons nos afetaram e provocaram a ‘*verouvirsentirpensar*’ nossas experiências, impressões e sentimentos com o outro e os nossos territórios de vida, denunciando a desumanização, as desigualdades sociais, de gênero, o racismo, o flagelo da fome e a continuidade do ciclo intergeracional da pobreza e do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019). Enfatiza também as problemáticas ambientais causadas pelos lixões irregulares, a falta de saneamento básico e ambiental, assim como as precárias condições de moradia dos habitantes da ilha, comuns a tantas outras comunidades e periferias na atualidade, é como é o caso das comunidades ribeirinhas da bacia do rio Formate.

Outro documentário que desejamos destacar aqui, e que também compõe o acervo das sessões cineclubistas do Coletivo Formate, é *O veneno está na mesa* (2011). O filme faz críticas ao modelo do agronegócio e ao apoio governamental a ele destinado, desconsiderando as consequências ambientais e sociais deste modelo antiecológico e que ameaça a saúde humana para manter os interesses econômicos. Modelo que se intensificou e se expandiu nos últimos anos, recebendo vultuosos recursos para pesquisa, equipamentos, tecnologia e infraestrutura, em detrimento da agricultura orgânica e familiar.

O documentário apresenta a agroecologia como alternativa para enfrentar o modelo agrícola antiecológico e nocivo vigente, baseado em monoculturas, agrotóxicos e sementes transgênicas. As narrativas dos pequenos agricultores que apostam na produção de alimentos livres de defensivos químicos, tanto no vídeo como entre os pequenos agricultores que vivem às margens do rio Formate, mostram que não há interesse por parte do Estado em financiar políticas públicas destinadas à produção agrícola e pecuária orgânica.

Em *Mulheres da Terra*, desejamos que a sua linguagem política, estética e poética, evidencie as belezas e bonitezas da vida, na tessitura de outros ‘*conhecimentosignificações*’, ao propor um mergulho no universo de mulheres camponesas integrantes do Movimento Pastoral da

---

Terra. Trata-se de mulheres reconhecidas como guardiãs das sementes crioulas e responsáveis pelo compartilhamento dessas sementes. Essas camponesas defendem a agroecologia e a soberania alimentar, pensando alternativas para romper com o ciclo do agronegócio que representa o aniquilamento da diversidade da vida.

Apostamos também nos atravessamentos fruto do encontro que tivemos com o documentário *Plantadores de água*, do município de Alegre, localizado na região sul do Espírito Santo. Esse momento foi encharcado de muitos ensinamentos, ao conhecermos um pouco das histórias de homens e mulheres protetores das águas, que vivem da agricultura familiar e que celebram a vida que emerge com as nascentes, pois entendem a água enquanto bem comum a todos os seres que habitam o Planeta Terra.

#### **4 Considerações finais**

As práticas pedagógicas e formativas de educação ambiental realizadas pelo Narradores da Maré e pelo Coletivo Formate, envolvendo cinema, vídeos e fotografias, fomentaram a participação coletiva e dialógica e o movimento de *'ouvirsentirpensar'* as problemáticas ambientais locais, assim como o comprometimento com uma pedagogia engajada e com uma educação ambiental dialógica, anticolonial, antirracista e como prática de liberdade.

Ambos os projetos têm como aposta teórico-metodológica na educação ambiental numa perspectiva da pedagogia freireana, na qual reconhecemos a educação como forma de intervenção no mundo, considerando os saberes dos educandos, possibilitando a criação de redes educativas com a participação de estudantes, professores/as, pesquisadores/as, movimentos sociais e grupos comunitários, engajados com as problemáticas e potencialidades ecológicas e culturais locais.

O uso e os diálogos com as imagens fazem parte do cotidiano do Coletivo Formate e se entrelaçam com as práticas políticas e pedagógicas realizadas pelo grupo de pesquisa Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas e pelo projeto de extensão Narradores da Maré, cujas práticas contribuíram com o encontro Diálogo de Mulheres Insubmissas de Viana, que se tornou o produto educacional do processo de pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Educação da UFES de uma das autoras deste texto.

Esse encontro foi organizado como espaço de aprendizagem e formação, em que recorremos à mística, aos cordéis das heroínas negras brasileiras, às apresentações cineclubistas, aos musicais, à exposição de charges, poesia, fanzine, livros de Paulo Freire, de escritoras negras,

frases de pensadoras feministas negras e indígenas e das fotografias das nossas ecologias insubmissas, com o intuito de mostrarmos as re-existências femininas no enfrentamento das relações patriarcais, raciais e sexistas, ao praticarmos a “educação como ato político.” (FREIRE, 1989) e como forma de intervenção no mundo (FREIRE, 1996a).

Podemos destacar que, das relações de solidariedade tecidas nos cotidianos comunitários, como no Assentamento Santa Clara e na Comunidade de Piapitangui, ambas localizadas na área rural do município de Viana, surgiram as oficinas de formação de cineclube, *stop-motion*, apresentação circense, contação de história, exposição de fotografias, confecção de fanzine, produção de vídeos, encontro para práticas de viveirista e a criação da Ecoteca, sendo esta uma biblioteca comunitária com acervo infantojuvenil e temas ecológicos. Nesse espaço, realizamos práticas em educações ambientais.

Esses momentos são encharcados de afetos, ensinamentos e diálogo com música, tambor, poesia, grafite, plantio, fotografias, desenho, anotações, pintura de terra, mandala, lanche partilhado e almoço preparado pelos envolvidos, como forma de nos conectarmos uns aos outros e exalarmos amor, esperança e o nosso comprometimento com o mundo.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

ALVES, Nilda. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *In*: GARCIA, Leite Regina. (org.). **Diálogos cotidianos**. Petrópolis: DP et Alii; Faperj, 2010. p. 67-82.

ALVES, Nilda. Sobre redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas**: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; ANDRADE, Nívea. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docentes**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-46.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v.1.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 2.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996b.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

EVARISTO, Conceição. Tempo de nos aquilombar. **Cultura do RN**, Rio Grande do Norte, 19 jul. 2021. Disponível em: <http://culturadorn.blogspot.com/2021/07/tempo-de-nos-aquilombar-conceicao.html>. Acesso em: 27 jan. 2020.

GONZALEZ, Soler. **Educação ambiental autopoietica com as práticas do bairro Ilha das Caieiras entre os manguezais e as escolas**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, Vitória, 2013.

GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andreia Teixeira. Educação ambiental autopoietica em redes de conversações na vida cotidiana. **Textura**, Canoas, n. 30, p. 86-106, jan./abr. 2014.

GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas e práticas pedagógicas de um projeto de pesquisa, ensino e extensão por entre manguezais e cotidianos escolares. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL "AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS", 9., 2017, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ. 2017. p. 1-20. Tema: Educação e democracia - aprenderensinar para um mundo plural e igualitário.

GONZALEZ, Soler; RAMOS, Andreia Teixeira. Há uma horta no meio da cidade. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, p. 157-178, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3514/3260>. Acesso em: 3 maio 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACHADO, Marcelo *et al.* Tecendo conversas acerca das tecnologias nos cotidianos escolares - os 'usos' do filme 'sierraburgess'. **RAIN**, Mar del Plata, Argentina, v. 1, n. 1, p. 183-197, jan. 2021. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/rain/article/view/4825/5144>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MENDONÇA, Rosa Helena de *et al.* "Cineconversas" e fabulações curriculantes: o uso de filmes e a potência das conversas como metodologia de pesquisa em educação. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1623-1644, out./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/50103/33966>. Acesso em: 11 jun. 2021.

NARRADORES DA MARÉ. **O dia da torta capixaba**. Vitória, ES: Narradores da maré, 10 out. 2017. 1 vídeo (4:13 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hztukjtc4g&t=86s>. Acesso em: 30 jun. 2021.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 1-6, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24105/17083>. Acesso em: 11 abr. 2019.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

REIGOTA, Marcos; RIBEIRO, Adalberto; POSSAS, Raquel. **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.